

## A FACE NÃO TÃO OCULTA DO NEOLIBERALISMO

*Wagner Lopes Sanchez\**

FORRESTER, Viviane. *O horror econômico*. São Paulo, Ed. Unesp, 1997, 154 p.

**E**m tempos de globalização neoliberal é saudável estender um olhar atento e com criticidade às aceleradas mudanças que atingem a vida das sociedades.

*O horror econômico*, de Viviane FORRESTER, é uma tentativa lúcida — marcada por uma certa ira — de olhar criticamente o que está se passando ao nosso redor a partir do “problema dos subúrbios”. (p. 67)

O livro escrito a partir da experiência de quem vive na Europa, um dos corações da economia globalizada atual, apresenta-nos, com especial destaque, as mudanças e suas conseqüências na sociedade européia. Precisamente por isso, o livro ganha mais força. Não é um livro escrito por uma intelectual que vive na periferia do modelo econômico. Ao contrário, é um libelo contra o neoliberalismo proferido por alguém que tem uma percepção privilegiada do mesmo.

---

\*Wagner Lopes Sanchez é doutorando em ciências sociais na PUC/SP e professor na Faculdade São Luís e no Instituto de Teologia da Diocese de Santo André.

Além disso, é importante ressaltar que a autora não é uma economista. Ela é romancista, ensaísta e crítica literária do jornal francês *Le Monde*. Isso permite-lhe examinar o tema com uma independência que não encontramos muitas vezes entre os próprios especialistas.

O tema central do livro é o desemprego. E é contra o desemprego que ela inicia o livro na forma de denúncia:

*“Vivemos em meio a um engodo magistral... Milhões de destinos são destruídos, aniquilados...”* (p. 7)

Constantemente ouvimos argumentos de que essa situação é necessária e passageira e, mais ainda, há quem ironize, dizendo que os índices de desemprego ainda são bastante baixos.

A autora, porém, nos alerta que o desemprego atual não é algo passageiro. É algo estrategicamente planejado.

*“Um desempregado, hoje, não é mais objeto de uma marginalização provisória, ocasional, que atinge apenas algum setor; agora ele está às voltas com uma implosão geral (...) Ele é objeto de uma lógica planetária que supõe a supressão daquilo que se chama trabalho; vale dizer, empregos.”* (p. 11)

Os rostos dos desempregados são rostos cansados, frustrados e carregados de olhares sem direção. São rostos que perderam a identidade, “que não se consideram como tais”. (p. 37)

A análise que a autora faz do desemprego percorre, ao longo do livro, uma discussão dos diversos aspectos socioeconômicos que estão presentes na atual situação:

1. O olhar de Viviane Forrester aponta o lucro como o espírito que dá vida e sentido ao modelo de globalização neoliberal. Em nome dele, vale sacrificar a independência, a liberdade, a democracia e as vidas humanas que são colocadas fora do mercado (p. 19). Os desempregados apenas constituem uma “legião de fantasmas” que não preocupam mais (p. 25). Qual a razão disso? É a lógica excludente que descarta milhares de vidas:

*“Uma quantidade importante de seres humanos já não é mais necessária ao pequeno número que molda a economia e detém o poder. Segundo a lógica reinante, uma multidão de seres humanos encontra-se assim sem razão razoável para viver neste mundo, onde entretanto, eles encontraram a vida.”* (p. 27)

2. Ao lado do lucro, o mercado tornou-se peça-chave na mundialização da economia. O mercado é uma camisa de força, é uma segunda pele mais próxima de nós do que a própria vida:

*“Desse modo, a camisa de força dos mercados conseguiu nos envolver como uma segunda pele, considerada mais adequada para nós do que a do nosso próprio corpo humano.” (p. 103)*

Querem nos convencer de que fora do mercado não há crescimento, não há liberdade, não há democracia, não há vida digna. Há uma idolatrização do mercado – usando a linguagem teológica. Tudo é visto a partir do mercado e o que está fora desse olhar tem que ser descartado. O neoliberalismo é a radicalização das forças do mercado. O neoliberalismo reduz e subordina as idéias e o exercício da liberdade e da democracia ao mercado. O mercado torna-se o eixo regulador não só da economia, mas também de todas as outras esferas da vida social.

3. Um outro aspecto apresentado pelo livro tem sido apontado por vários analistas: a autonomização dos grandes conglomerados em relação aos Estados nacionais. Isto se deve, inclusive, ao processo tecnológico que encurta as distâncias e diminui todo tipo de fronteira ao capital globalizado. (p. 30) Desta forma, esses conglomerados apresentam-se e comportam-se como se fossem uma instância superior que paira acima das instituições políticas, das sociedades e até mesmo da ética. Neste caso, a única ética aceita é a ética do lucro e do capital que elimina todo tipo de obstáculo que se opõe a essa lógica como se fosse um ser estranho que tem vida própria independente daqueles que o controlam. (p. 30)

A soberania do Estado, nos vários lugares da economia globalizada, confunde-se com a soberania dos grandes conglomerados econômicos. Por isso, há um crescente esvaziamento do papel do Estado tanto no âmbito da política quanto no âmbito dos seus serviços prestados à sociedade pelo poder público e, em contrapartida, um fortalecimento daqueles conglomerados.

4. A flexibilização desse modelo econômico que dá a ele uma capacidade de adaptação às diversas realidades nacionais, é outro aspecto apontado. Para muitos, isso explica a sobrevida que tem o modelo neoliberal. Mas, ao mesmo tempo, o modelo tende a destruir as diferenças próprias de cada cultura. Aos poucos vai surgindo uma cultura globalizada. (p. 43) Os diversos países ou regiões do planeta que não

se incluem ou não são incluídos dentro do mercado mundializado, são descartados. Não contam. Estão perdidos como se fora do clube neoliberal não houvesse salvação. (p. 45)

Ao contrário, aqueles países que se integram ao processo de globalização, aceitando todas as condições impostas, são considerados como salvos, com futuro garantido.

A esse respeito é ilustrativa uma das declarações de Bill Clinton quando de sua recente visita à África:

*“As economias emergentes estão impulsionando a transformação da África. (...) Meu sonho é que, daqui a cem anos, meus netos e os seus olhem para trás e digam que este foi o momento do renascimento africano.”* (Folha de São Paulo, 24/03/98)

Essa declaração de Bill Clinton é um exemplo de que o próprio discurso feito por políticos, empresários e intelectuais, que defendem a globalização neoliberal, explicita a idéia apresentada por Viviane Forrester: somente dentro do clube neoliberal os países pobres podem encontrar saídas para o seu futuro.

5. O desenvolvimento tecnológico subordinado estritamente aos interesses do mercado é o outro aspecto apresentado.

Falando sobre a cibernética, a autora nos diz que:

*“Ela revelou-se um fator de alcance incomensurável, preponderante, responsável — como era previsível, mas não foi previsto — por uma revolução de ordem planetária. Suas conseqüências, inscritas em nossos costumes, deveriam ter sido das mais benéficas, quase milagrosas. Elas têm efeitos desastrosos.”* (p. 111)

Ao invés de reduzir a quantidade de trabalho para disponibilizar as pessoas para que tenham mais tempo para desfrutar das atividades que possam dar mais prazer, a adoção desenfreada da tecnologia está levando à supressão do trabalho. (p. 111) O trabalho, hoje, está sendo considerado, no limite, como desnecessário, já que a tecnologia, inclusive numa de suas expressões, que é a robótica, avança no processo de substituição crescente da mão-de-obra.

6. Num capítulo à parte, no meio do livro (páginas 73 a 82), a autora levanta o problema da juventude nesses novos cenários.

Ao seu ver, mantidas as atuais condições de desenvolvimento, tudo leva à construção da desesperança. A começar pela juventude que, cada vez mais, se vê frustrada, sem oportunidades, sem saídas. Diversas pá-

ginas do livro são utilizadas para descrever a situação da juventude na atual conjuntura:

*“Desses repudiados, desses abandonados à própria sorte e lançados num vazio social, esperam-se, entretanto, comportamentos de bons cidadãos... Que tristeza então, que decepção vê-los infringir os códigos da civilidade, as regras de conveniência aqueles que os marginalizam, os desrespeitam, os empurram, os desprezam.” (p. 63)*

Não podemos enganar a juventude iludindo-a a respeito da gravidade da situação. E aqui está o grande desafio: como mudar a rota aproveitando a reserva de sonhos que a juventude ainda têm?

\* \* \*

O livro de Viviane Forrester leva-nos a uma tomada de posição. Não é possível lê-lo sem que sejamos provocados a repensar os nossos conceitos. Ele nos coloca algumas perguntas: como reagir criticamente à chamada “irreversibilidade” da globalização neoliberal? Como pensar de forma crítica e independente a globalização neoliberal? Como impedir que a sanha desumanizadora e excludente avance?

No fundo dos problemas colocados pelo livro, há uma provocação: devemos buscar soluções criativas que fujam das soluções até agora apresentadas. Este é o modo que temos de mostrar que somos capazes de pensar além dos limites colocados pelas atuais circunstâncias.

A história é algo a ser construído. O futuro não está predeterminado como querem nos convencer aqueles que defendem o atual modelo. Pensar desta forma é partir do pressuposto de que há um destino e que não podemos rompê-lo.

O desafio que temos pela frente é superar essa forma de pensar subordinada, dependente:

*“Não se trata de chorar sobre o que não existe mais, de negar e renegar o presente. Não se trata de negar, de recusar a mundialização... Trata-se, pelo contrário, de levá-los em consideração. Trata-se de não ser mais colonizado. De viver com conhecimento de causa, de não mais aceitar tacitamente as análises econômicas e políticas que passam por cima dos fatos, que só os mencionam como elementos ameaçadores, obrigando a medidas cruéis, as quais se tornarão ainda piores se não forem aceitas com toda a submissão.” (p. 144)*

Desta forma, o livro faz-nos pensar a respeito dos limites do atual modelo econômico e dos caminhos novos que temos que abrir. Não podemos resignar-nos a sonhar um sonho imposto. Precisamos reconstruir o futuro para que a maioria da humanidade, que hoje está descartada, possa sonhar com um novo amanhã.

Por isso, precisamos reconstruir a esperança, pensar criticamente fora dos moldes apresentados hoje como irreversíveis, romper esse conformismo que leva à paralisia e dedicar-nos a criar alternativas mesmo que pequenas.